
A Comunicação na Escola: apresentando o jornalismo como forma de mobilização social por meio da educomunicação¹

Mariana dos Santos Hallal da SILVA²

Jefferson Perleberg RUBIRA³

Marina Grillo Pereira AMARAL⁴

Silvia Meirelles LEITE⁵

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS.

RESUMO

Este artigo é uma reflexão teórico-metodológica sobre um projeto de educomunicação desenvolvido pelos autores com os alunos do quarto ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Independência, na cidade de Pelotas. O presente trabalho tem como base, principalmente, as definições e orientações de Soares (2000 e 2004) e Almeida (2016) acerca da educomunicação. O objetivo do projeto foi mostrar aos 25 alunos da turma, com idades entre nove e 12 anos, e às suas famílias, que a comunicação pode ser uma ferramenta de transformação da realidade. As crianças foram apresentadas a conteúdos jornalísticos e analisaram reportagens televisivas sobre o seu bairro. Também foram incentivadas a mostrar sua vizinhança aos demais moradores da cidade. Os relatos foram feitos em vídeo com o apoio das famílias e da escola.

PALAVRAS-CHAVE: educomunicação; educação; comunicação; produção de vídeo; interdisciplinaridade.

Introdução

A educomunicação é um campo de estudo que correlaciona duas áreas: a comunicação e a educação. É importante destacar a necessidade de um diálogo entre os conhecimentos distintos, não um embate, fator evidenciado por teóricos como Freire (1983) e Kaplún (1999), que vinculam “espaços do contexto sociocultural, da comunicação e educação como uma relação, não como área que deva ter seu objeto disputado” (SOARES, 2000, p.20).

Um dos principais estudiosos da educomunicação, Soares (2000) ainda aponta que o processo comunicativo em si faz parte de um coeficiente da educação, todavia a educomunicação se encarrega da relação dos dois campos. Desta forma, ele também

¹ Trabalho apresentado IJ06 - Interfaces comunicacionais, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel, RS. E-mail: hallalmariana@gmail.com

³ Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel, RS. E-mail: jeffopr@gmail.com

⁴ Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel, RS. E-mail: amrlmarina3@gmail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Jornalista pela Universidade Católica de Pelotas. Doutora em Informática na Educação pela UFRGS. Professora Associada do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: silviameirelles@gmail.com

destaca que “a comunicação passa a ser vista como relação, como modo dialógico de interação do agir educ comunicativo” (SOARES, 2000, p.19-20).

Não se trata, pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas que a própria comunicação se converta no eixo vertebrador dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação. Dentro desta perspectiva da comunicação educativa como relação e não como objeto, os meios são ressituidos a partir de um projeto pedagógico mais amplo (SOARES, 2000, p. 20).

Soares (2004) cita três definições da Educomunicação. A primeira é incentivar os alunos a terem uma relação positiva com a mídia, evitando que eles sejam manipulados. A segunda é rever a comunicação praticada dentro da escola, “criando sempre ambientes abertos e democráticos” (SOARES, 2004, p. 1). Por fim, fala sobre “melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas” (SOARES, 2004, p. 2).

Assim, com base no referencial citado, especialmente nos conceitos de Soares (2000 e 2004), foi desenvolvido um projeto de educomunicação com 25 alunos do quarto ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Independência, na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Os participantes têm idades entre nove e 12 anos. O trabalho resultou em uma produção audiovisual intitulada “No meu bairro tem, e não tem”.

A escola tem como endereço o loteamento Sítio Floresta, bairro Três Vendas. A localidade fica a dez quilômetros de distância do centro da cidade — aproximadamente 20 minutos de carro. Raramente é pautada positivamente na mídia local, muito menos regional ou estadual. As reportagens encontradas sobre o loteamento tratam de problemas como falta de infraestrutura e violência. Por conta disto, muitas pessoas desconhecem a realidade do local. Os pelotenses não sabem o que ele tem a oferecer e nem quais são suas reais necessidades.

Nos últimos anos, um conjunto residencial do programa Minha Casa Minha Vida⁶ foi construído no bairro e aumentou sua população em cerca de duas mil pessoas. Com isso, a necessidade de infraestrutura básica (como escolas, postos de saúde e

⁶ Programa de habitação do Governo Federal que facilita o financiamento de moradias para famílias com renda familiar bruta de até sete mil reais por mês. Disponível em: <<https://www.caixa.gov.br/voce/habitacao/minha-casa-minha-vida/urbana/Paginas/default.aspx>>. Acesso em 19 set. 2020.

pavimentação) tornou-se ainda mais urgente. A escola trabalhada no presente artigo é a única pública existente em funcionamento.

Os alunos que participaram do projeto estudam no período da manhã. À tarde, alguns têm atividades na Associação de Moradores do bairro, onde funcionam projetos da Prefeitura, um Centro de Tradições Gaúchas (CTG) e outros eventos. Muitas das crianças não conheciam a história e alguns espaços do bairro antes da realização do trabalho de educomunicação, conforme relato dos pais e/ou responsáveis.

Inserido neste cenário, foi desenvolvido o projeto No Meu Bairro Tem, e Não Tem, com o objetivo principal de apresentar o jornalismo aos alunos como uma ferramenta que pode auxiliar a transformar sua realidade. Tal proposta parte do reconhecimento das potencialidades do loteamento Sítio Floresta e da identificação de suas carências, investindo na apropriação do espaço físico como um processo simbólico de pertencimento ao loteamento e de autoconhecimento dos participantes do projeto.

Além do objetivo já citado, este projeto também pretende fazer com que os alunos se apropriem da comunicação, especialmente do jornalismo, como uma forma de expor suas vivências. Também pretende incentivá-los a manter uma postura crítica frente ao jornalismo e entendê-lo como um aliado das causas sociais e não apenas como porta-voz de notícias negativas. Por fim, também tem como objetivo encorajar os estudantes a apresentar ao restante da cidade e às autoridades não só os problemas que enfrentam diariamente, mas também os atrativos do Sítio Floresta. Mostrar o que o bairro tem, e não tem.

A importância dessa proposta se traduz na possibilidade de os alunos, seus pais e professores terem uma forma de lutar por mais condições e investimentos no bairro. Além disso, integra as famílias, uma vez que o trabalho é desenvolvido em parceria com os alunos e seus responsáveis. A comunidade foi envolvida na fase final do projeto, quando os participantes exibiram a sua produção a alguns moradores.

Considerando o desenho do projeto No Meu Bairro Tem, e Não Tem e as atividades realizadas com a comunidade do loteamento Sítio Floresta, propõe-se, nesse artigo, uma reflexão teórico-metodológica deste projeto de educomunicação.

Processos e reflexões teórico-metodológicas

O projeto foi desenvolvido em quatro etapas, cada uma com suas distintas características e nomenclaturas. A etapa 1, Conhecendo a Comunidade, foi dedicada à

caracterização do público com o qual se iria trabalhar, escolha dos estudantes e diálogo com a professora responsável por eles. Já a etapa 2, denominada Educação para a Comunicação, foi marcada pela conversa com os alunos sobre conceitos jornalísticos e análise das reportagens sobre o Sítio Floresta. A etapa 3 foi a Produção Audiovisual, na qual, como o próprio nome sugere, foi feita a edição que deu origem ao produto final. Por fim, a etapa 4, de Socialização, marcada pela exibição do vídeo.

A primeira etapa do projeto foi a caracterização da comunidade e escolha da turma com a qual iríamos trabalhar. Optamos pelos alunos da EMEF Independência por perceber que a comunidade é carente de atenção da imprensa e não se sente representada pela mídia. Todos os dias, eles precisam enfrentar ruas de terra e extremamente esburacadas para chegar à escola. Quando chove, o trajeto fica impossível de ser vencido em certos trechos. Além disso, as vagas da EMEF estão totalmente preenchidas e a Unidade Básica de Saúde (UBS) do loteamento trabalha no limite de sua capacidade.

Analisamos as idades dos alunos e selecionamos o quarto ano porque eles já têm capacidade de se expressar com mais desenvoltura. Ao mesmo tempo, ainda precisam da família para desenvolver a atividade, agregando, assim, mais pessoas no processo e ampliando o alcance do trabalho.

Depois de decidir a escola e a turma, conversamos com a professora responsável por ela, Nóslén Uarth, e recebemos o apoio necessário para o desenvolvimento da pesquisa. Coletamos mais informações sobre os alunos, como formas de comunicação mais utilizada, familiaridade com texto e vídeo e relação com a família. A professora auxiliou no desenho do projeto, conforme orienta Soares (2004):

Todo planejamento deve ser participativo envolvendo todas as pessoas envolvidas como agentes ou beneficiárias das ações (por isso, convidamos os professores, alunos e membros das comunidades a desenvolverem planejamentos conjuntos). (SOARES, 2004, p. 2).

A segunda etapa foi marcada pelo contato com os estudantes e pela análise do material jornalístico previamente coletado. Houve o primeiro encontro presencial com a turma. Antes dele, foram escolhidos os materiais a serem exibidos. Foram reunidas reportagens em vídeo sobre o Sítio Floresta veiculadas pela mídia local. Não foi encontrado material recente. Todas as reportagens versavam sobre pontos negativos do bairro, sobretudo problemas de infraestrutura.

O primeiro encontro presencial foi realizado no dia 4 de julho de 2018. Ele foi caracterizado pela Educação para a Comunicação, com a análise de notícias sobre o Sítio Floresta veiculadas em jornais locais. Segundo Soares, essa prática “alimenta-se dos estudos da recepção e volta-se para as reflexões em torno da relação entre os pólos vivos do processo de comunicação (...), para os programas de formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios” (SOARES, 2000, p. 19 e 20).

No encontro mencionado, os pesquisadores levaram as reportagens escolhidas e, antes de exibi-las, questionaram as crianças sobre sua compreensão do que é jornalismo e perguntaram se elas acompanham notícias. Os alunos responderam frases como “É quem fala as notícias”; “É quem diz o que tá acontecendo”; “É a moça da televisão”. Todos conheciam exemplos jornalísticos e apenas cinco relataram não ver ou não ler jornais em casa. A maioria dos estudantes se mostrou receptiva às perguntas, falando bastante.

Também foi mostrado um exemplar do jornal Diário Popular⁷ e todos da turma afirmaram conhecer. Para a pesquisa foram encontradas apenas quatro reportagens telejornalísticas, o que demonstra a falta de representatividade do bairro. Foram escolhidas duas matérias produzidas pelo programa Nativa 12 Horas⁸ em 2011 e 2012. Ambas as reportagens tratavam de problemas estruturais do bairro. A primeira falava sobre uma ponte de madeira intransitável e a falta de iluminação, enquanto a segunda mostrou ruas em péssimas condições após reparos no encanamento.

Depois da exibição das reportagens, os alunos foram questionados se já tinham visto alguma coisa sobre o Sítio Floresta nos meios de comunicação. Dentre os 25 alunos participantes, apenas dois afirmaram já ter visto. Um menino respondeu que a reportagem era sobre um assalto (violência). Quando questionados sobre o teor das reportagens exibidas, relataram que se tratava de assuntos negativos. Os alunos ainda disseram que as reportagens foram fundamentais para que o poder público percebesse os problemas e apresentasse uma solução, reconhecendo, na prática, o jornalismo como forma de transformação da realidade.

As crianças foram questionadas sobre a atual situação das ruas e da ponte mostradas na reportagem. Três delas responderam afirmando que uma das ruas havia

⁷ Jornal impresso de circulação diária veiculado na cidade de Pelotas.

⁸ Telejornal local exibido na cidade de Pelotas entre 2011 e 2014 na TV Nativa (atual TOP TV) ao meio-dia.

melhorado, a outra ainda sofre com alagamentos e a ponte foi substituída por um viaduto, melhorando o acesso ao bairro.

Figura 1 - Primeira reportagem



Fonte: Reprodução/TV Nativa⁹

Figura 2 - Segunda reportagem



Fonte: Reprodução/TV Nativa¹⁰

⁹ Reportagem apresentada pela jornalista Nathália King. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=0Ijt4CeLxPc>>. Acesso em 26 out. 2020.

¹⁰ Reportagem apresentada pela jornalista Nathália King. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=hZKwkM06V90&>>. Acesso em 26 out. 2020.

Após a exibição, os pesquisadores reforçaram que o jornalismo tem o papel de denunciar os problemas e cobrar soluções dos responsáveis. Conforme dito no capítulo anterior, o objetivo deste trabalho era apresentar a função social do jornalismo, nomeadamente de mobilização e denúncia de irregularidades. Não havia a intenção de fazer uma reflexão aprofundada da construção da notícia ou dos critérios de noticiabilidade. Os objetivos foram definidos respeitando o perfil e as idades dos alunos.

Logo ao fim do primeiro encontro os alunos foram convidados a produzir o seu próprio material sobre o Sítio Floresta, bairro onde estudam. Os pesquisadores solicitaram que eles gravassem vídeos curtos apresentando pontos positivos e negativos da localidade, coisas que existiam e que não existiam por lá. As imagens deveriam ser captadas na horizontal e eles precisavam estar na companhia de algum responsável na hora da gravação. O vídeo “Gestão democrática - propostas para EMEF José Bento de Assis”¹¹ foi apresentado como um exemplo do que poderia ser feito. Fora as instruções acima relacionadas, os alunos estavam livres para exercer a criatividade e poderiam escolher entre gravar com outros colegas ou sozinhos. Esse convite subsidiou a terceira etapa do projeto.

Vale ressaltar que foi possível perceber, já nesse primeiro encontro com a turma, que mesmo com todos os problemas enfrentados os estudantes conseguem enxergar muitos pontos positivos no Sítio Floresta. Os mais mencionados por eles foram as praças e a Associação de Moradores.

Com o desenho proposto para o projeto, foi observado o enfoque da mediação tecnológica na educação. Almeida (2016) evidencia a eficácia dos meios de comunicação que permitem ao educador utilizar a tecnologia que “pode colaborar com a aprendizagem, com a criação, assimilação e gestão do conhecimento na perspectiva da cidadania, do desenvolvimento e da solidariedade”, desde que se parta “da premissa de que a aprendizagem constante, social e universal mantém estreita relação com a ampliação da inteligência coletiva” (ALMEIDA, 2016, p.24).

Pensando na inclusão tecnológica e na familiaridade dos alunos com o formato, decidimos, em parceria com a professora, realizar o produto final em vídeo. Todos os

¹¹ Vídeo feito pelos alunos dos projetos de reforço e de protagonismo da EMEF José Bento de Assis, de São Paulo (SP), em parceria com o projeto Jovem Comunica da Fundação Tide Setubal. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=eC1HaKOZ_Sw>. Acesso em 19 set. 2020.

estudantes afirmaram que costumam assistir a vídeos no YouTube e têm acesso a celulares com câmera. Assim, investiu-se no trabalho com a linguagem audiovisual para envolver as crianças e seus familiares.

A terceira etapa foi de produção audiovisual, que teve como ênfase a coleta e edição do material enviado pela turma. Os alunos tiveram sete dias, intervalo entre o primeiro e o segundo encontro, para gravar e enviar os vídeos. O canal de comunicação existente entre a professora da turma e os pais e/ou responsáveis pelos alunos, um grupo de conversa no aplicativo WhatsApp, foi usado para passar instruções e tirar dúvidas sobre os vídeos.

No segundo encontro, realizado em 12 de julho de 2018, foi utilizado o referencial teórico-metodológico da “Educação para Comunicação”, apresentado por Soares (2000). O autor aponta reflexões em torno dos produtores e sua relação no processo de produção e recepção das mensagens na comunicação, assim como no campo pedagógico.

Nesse dia, os pesquisadores já tinham recebido os vídeos dos alunos. No total, foram 36 vídeos enviados por 15 alunos. Quase todas as crianças narraram e apareceram no vídeo, como se estivessem realmente apresentando uma matéria televisiva. Isso mostra que eles têm acesso a telejornais e acabam por captar a forma de reportar deste formato jornalístico. A maior parte das falas estava ensaiada e planejada e os alunos pareciam muito confortáveis com a produção. Eles, inclusive, se organizaram e gravaram os vídeos juntos, como é possível ver nas imagens abaixo.

Figura 3 - Dupla de alunos mostrando melhorias feitas no bairro onde vivem



Fonte: Reprodução/YouTube¹²

Figura 4 - Trio de alunos contando sobre a ampliação da escola onde estudam



Fonte: Reprodução/YouTube

Os pais enviaram os vídeos produzidos para a professora da escola via grupo no WhatsApp, e ela os encaminhou para os pesquisadores. Um relato da professora da turma foi de que o trabalho causou uma grande mobilização entre os pais, chegando os mesmos a pedir mais prazo por conta da chuva no período, que atrapalhou algumas

¹² Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=R0Ray6051r4&feature=youtu.be>>. Acesso em 19 set. 2020.

gravações. Outro problema encontrado por algumas famílias foi a falta de algum adulto responsável para acompanhar as crianças no momento da gravação, visto que muitos responsáveis trabalhavam o dia inteiro.

Depois de receber os vídeos, observou-se que alguns não apresentavam um som de qualidade. O material recebido era excelente em termos de conteúdo, mas possuía carências técnicas. Os pesquisadores fizeram uma edição primária apenas reunindo o material produzido, separando os trechos em pontos positivos e pontos negativos do bairro. Seguindo a orientação de Soares (2000), os alunos foram instigados, nesse segundo encontro, a refletir sobre o vídeo apresentado e a pensar criticamente sobre o material, sugerindo mudanças.

A qualidade do áudio foi um dos poucos pontos comentados entre os estudantes. Por isso, optou-se por fazer uma edição para valorizar o processo de construção das crianças e seus responsáveis, mas com um cuidado técnico de garantir que suas falas fossem acessíveis. O vídeo foi legendado para facilitar a compreensão, resolvendo a falha do áudio e garantindo que a produção dos alunos não fosse perdida.

Depois do último encontro, o material passou por mais uma edição. O produto final¹³ é um vídeo de 5 minutos e 27 segundos produzido e editado por Jefferson Perleberg Rubira, Mariana dos Santos Hallal da Silva e Marina Gillo Pereira Amaral, revisado por Silvia Porto Meirelles Leite e publicado no YouTube. Os vídeos foram produzidos e gravados pelos alunos da EMEF Independência com apoio de seus pais e/ou responsáveis e da professora Nóslen Uarth.

O vídeo é uma espécie de “grito” da comunidade, onde os participantes encontraram uma chance de serem vistos e ouvidos pelos demais moradores da cidade e também pelas autoridades. Uma oportunidade de expor os problemas, mas também de mostrar as coisas boas que o Sítio Floresta pode proporcionar.

Iniciou-se, então, a quarta etapa, de socialização do material produzido. Por sugestão da professora da turma, o vídeo foi exibido à comunidade em uma confraternização na própria escola, com a presença de representantes da Associação dos Moradores, da imprensa e de familiares. Na solenidade foram entregues troféus a dois alunos destaques e medalhas a todos os estudantes.

¹³ O vídeo finalizado está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=R0Ray6051r4&feature=youtu.be>. Acesso em 19 set. 2020.

Resultados e Discussões

Um dos objetivos do projeto foi mostrar aos alunos que o jornalismo pode ser um grande aliado para expor a realidade em que vivem e cobrar mais investimentos do poder público. Por meio da exibição das reportagens, os estudantes acabaram compreendendo um exemplo prático de intervenção do jornalismo na comunidade onde vivem. Além de entender a importância da profissão, eles puderam aprender a se apropriar do bairro e ressignificar o local onde vivem. No final, foi um processo de autoconhecimento que resultou em um vídeo cheio de significados.

Os alunos ficaram felizes e empolgados com a possibilidade de apresentar o seu bairro e de contar as coisas que gostam de fazer nessa localidade. O jornalista enquanto contador de histórias também foi apresentado a eles, mesmo que indiretamente. A oportunidade também serviu para desmistificar o jornalismo e explicar a sua importância para as crianças e seus responsáveis, que foram fundamentais na hora de gravar os depoimentos. Eles viram o projeto como uma chance de serem ouvidos, de mostrarem o que querem para o bairro e o que o seu bairro tem a oferecer à comunidade pelotense.

Figura 5 - Aluna finalizando o vídeo afirmando que o bairro onde vive possui defeitos e qualidades



Fonte: Reprodução/YouTube

Os pais e responsáveis das crianças também destacaram, em entrevista à imprensa local, que o projeto foi importante para os pequenos conhecerem o bairro onde vivem. Elisandra Correa, mãe da aluna Kimberlly Vitória Corrêa da Silva, falou para a TV Câmara de Pelotas sobre o peso do projeto na educação da filha:

A gente cria os filhos trancados dentro de casa e eles não veem nada. Só tira eles, leva para o colégio, do colégio para casa, e eles acabam não percebendo tudo o que está acontecendo no bairro. E foi legal o projeto por causa disso, ela mesmo não conhecia a associação (de moradores). Fui eu que apresentei para ela, disse o que acontecia ali. Sobre o bairro também, ela não sabia que lá no final tinha aumentado. Ela pensou que quando ela chegou já tinha tudo prontinho, ela não sabia que aquilo era tudo um mato. E daí que aumentou as linhas de ônibus. Foi um aprendizado a mais para ela com esse projeto. Muita coisa que ela não sabia, ela acabou aprendendo.¹⁴

Acima de tudo, o projeto foi uma forma de democratizar a comunicação. Os moradores de localidades afastadas do centro da cidade, como o Sítio Floresta, muitas vezes são esquecidos tanto pelo poder público quanto pela mídia. Suas demandas ficam restritas ao bairro e não chegam aos responsáveis por resolvê-las. Os pontos positivos do local também ficam restritos a eles, uma parte muito pequena da comunidade

¹⁴ Depoimento de Elisandra Correa, mãe da aluna Kimberlly Vitória Corrêa da Silva. Ela falou sobre o projeto em entrevista à TV Câmara de Pelotas. Disponível em <https://www.facebook.com/TVCamaraPelotas/videos/532133003919530>. Acesso em 20 set. 2019.

pelotense conhece e desfruta do bairro. O projeto abriu um canal de comunicação entre o Sítio Floresta e o resto da cidade.

Considerações Finais

Ao focar um projeto pautado pela educomunicação, como o apresentado neste trabalho, destaca-se a importância da participação dos diferentes atores da comunidade em seu desenvolvimento. No caso do projeto No Meu Bairro Tem, e Não Tem, foi fundamental contar com a acolhida da direção da escola e com a participação da professora no planejamento das atividades, contribuindo para a consistência da proposta.

Também foi determinante a participação dos pais e responsáveis que acompanharam os alunos na gravação dos vídeos, o que acabou fomentando conversas sobre o bairro entre as crianças e seus acompanhantes de gravações. Apesar de alguns vídeos com baixa qualidade do som ou das imagens, foi importante para a equipe de pesquisadores saber identificar a potência do material produzido e encontrar soluções para qualificar esse material, como o uso de legendas nos trechos com problemas de áudio.

Além disso, a interlocução de jornalistas e estudantes de jornalismo com os diferentes atores envolvidos no projeto suscita o olhar do profissional para questões que muitas vezes não são pautadas pelos veículos de comunicação. A participação em projetos de educomunicação qualifica o profissional para a cobertura de pautas e a identificação de fontes que, muitas vezes, são ignoradas.

A comunicação pode ser ferramenta num processo educativo. E também ser um caminho para a mobilização social em prol de causas e reivindicações. Assim, esse trabalho pode contribuir para futuros projetos de educomunicação em escolas, bairros, associações comunitárias, investindo na utilização de ferramentas digitais e da comunicação como objeto de transformação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: um campo de mediações. Comunicação & Educação, São Paulo, 2000. p. 12-24, volume 19. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36934/39656>>. Acesso em 19 set. 2020.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Mas, afinal, o que é educomunicação?** Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>>. Acesso em 19 set. 2020.

ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de. **Projetos de intervenção em educomunicação.** Campina Grande, 2016. 45 p. Volume 1.6.

KAPLÚN, M. **Processos educativos e canais de comunicação.** Comunicação & Educação. São Paulo: Moderna, 1999. p. 68-75. volume 14. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36846>>. Acesso em 29 out. 2020.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 65 p. Volume 24. Disponível em <https://www.athuar.uema.br/wp-content/uploads/2018/01/Livro_P_Freire_Extensao_ou_Comunicacao.pdf>. Acesso em 29 out. 2020.